MIRIAN FERREIRA DA SILVA BOGÉA

ARTE MEMORTUMRÉ

REPRESENTAÇÕES VISUAIS DOS POVOS CANELA-RAMKOKAMEKRÁ

PPGEEB
UFMA Universidade Federal do Maranhão

ARTE MEMORTUMRÉ

Representações Visuais dos Povos
Canela-Ramkokamekrá

Mirian Bogéa

Universidade Federal do Maranhão

Reitor
Natalino Salgado Filho

Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação
Fernando de Carvalho Silva

Centro de Ciências Sociais
Lindalva Martins Maia Maciel

Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica
Antônio de Assis Cruz Nunes

Organização
Mirian Ferreira da Silva Bogea e Viviane Moura da Rocha

Diagramação
Nayana Gatinho da Silva
Kelly Barros dos Santos

Projeto gráfico
Nayana Gatinho da Silva

Capa
Elizeu de Sousa Farias

Ilustração
Kelly Barros dos Santos

FICHA CATALOGRÁFICA

BOGÉA, Mirian

Arte Memortumré: Representações Visuais dos Povos Cane-la-Ramkokamekrá / Mirian Bogéa – Impreatriz: 2019.

1. ---

Prefixo Editorial: ---

ISBN: ---

CDU: ---

SUMÁRIO

1 CONHECENDO OS POVOS CANELA.... 7

1.1 ONDE ESTÃO OS POVOS CANELA.... 8

2 HABITAÇÃO.... 9

3 PINTURA CORPORAL MEMORTUMRÉ.... 17

3.1 PINTURAS GRUPO A..... 23

3.2 PINTURAS GRUPO B..... 24

3.3 PINTURAS DIVERSAS UTILIZADAS EM FESTAS E NO COTIDIANO....25

4 ADEREÇOS.... 32

5 CESTARIA.... 41

APRESENTAÇÃO

"Arte Memortumré: representações visuais dos povos Canela Ramkokamekrá" é um material didático para professores e alunos que possibilita o conhecimento da arte indígena Canela Ramkokamekrá, ressaltando aspectos artísticos, culturais e sociais desses povos.

O material contempla a produção material dos povos Canela Ramkokamekrá a partir das pinturas corporais, cestaria e adereços, que fazem parte da cultura desses povos. Dessa forma, você irá conhecer características dos Povos Canela Ramkokamekrá: habitação, localização, modos de vida, pinturas corporais, principais materiais utilizados nas pinturas, principais grafismos e sua representatividade, além dos adereços e cestaria produzidos por essa etnia. O material traz ainda seções que envolvem conteúdos teóricos e que abordam a temática, informações complementares, dicas e atividades práticas.

Dessa forma, os aspectos visuais que representam os grafismos e as imagens organizadas neste material visam a contribuir para o trabalho prático, para o desenvolvimento do ensino aprendizagem em Arte e para a valorização da arte indígena maranhense. Além de colaborar de modo interdisciplinar com áreas como Literatura e História, conforme estabelece a Lei 11.645/08, que estabelece a inclusão da temática História e Cultura Indígena no currículo oficial da rede de ensino no Brasil.

CONHECENDO O MATERIAL

PARA SABER MAIS
Apresenta informações complementares e curiosidades a respeito do assunto abordado.

FICA A DICA
Traz dicas de sites, museus virtuais, livros, artigos e trabalhos científicos a respeito das informações em questão.

CONEXÕES
Estabelece ligações com temáticas atuais relacionadas ao conteúdo que está sendo abordado;

PRATICANDO
Corresponde aos exercícios de fixação,atividades práticas para serem desenvolvidas individualmente ou em grupo;

CURIOSIDADE
Traz algumas informações complementares a respeito da arte e cultura dos povos Canela.

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS
Traz sugestões sobre como trabalhar a temática indígena em sala de aula por meio de assuntos que envolvem aspectos históricos, geográficos e culturais dos povos indígenas do Brasil.

1

CONHECENDO OS POVOS CANELA

Os povos Canela são classificados como sendo integrantes dos Timbiras Ocidentais, que incluem ainda os Apaniekrá, Krikati, Pukobiê, Krahô e os Krepu'Kateyêe. Esse grupo étnico está localizado nas áreas dos estados do Maranhão e Tocantins. São classificados, linguisticamente, como pertencentes à família Jê do tronco linguístico Macro Jê. O etnólogo Curt Nimuendajú classifica o termo *Timbira* como represetnação das tiras ornamentais que os indígenas usam amarradas nas canelas, braços, no pescoço e na testa.

Os Canela são formados por cinco nações provenientes dos Timbiras Orientais, com maior predominância do grupo Ramkokamekrá. Reforçace que essa denominação também era empregada aos Apanyekrá e aos Kenkateye. No tocante à língua, constatou-se que uma parcela significativa desse povo consegue fazer uso da língua portuguesa, mesmo que de forma imprecisa. Ressalta-se que os homens dominam melhor o nosso idioma, haja vista, terem maior contato com o a língua portuguesa, muitas vezes pela comercialização de produtos artesanais, trânsito nas regiões urbanas das cidades, bem como maior contato externo.

1.1 ONDE ESTÃO LOCALIZADOS?

Os povos Canela-Ramkokramekrá estão localizados em torno de 70 km a sul-sudeste da cidade de Barra do Corda, no estado do Maranhão. Até recentemente, essas terras de cerrado, florestas-galeria e pequenas chapadas ficavam no município de Barra do Corda, mas, agora localizam-se no novo município de Fernando Falcão, que se estruturou a partir do crescimento da antiga vila Jenipapo dos Resplandes. O limite sul da Terra Indígena (TI) fica em grande parte delimitado pela serra das Alpercatas. O rio Corda corre fora da TI, afastado 20 km, ao longo do limite noroeste.

Imagem 01: Mapa da localização da Terra Indígena Canela-Ramkokramekrá

https://terrasindigenas.org.br/pt-br/#pesquisa
https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/4137

2

HABITAÇÃO

As casas onde moram esses povos são feitas de palha de palmeira, inseridas em áreas circulares com, aproximadamente, 300 metros de diâmetro (compreendendo pequenos espaços de terra que servem como quintais). Uma praça com, aproximadamente, 75 metros de diâmetro fica no centro. Esta, por sua vez, é o pátio onde os problemas da comunidade indígena são discutidos, onde as decisões que se referem à comunidade são tomadas pelos anciãos.

Imagem 02: Vista aérea da Aldeia Escalvado

Fonte: Povos Indígenas do Brasil (2019)

O povos Canela-Ramkokramekrá são considerados uma sociedade matrilocal, onde, no casamento, o homem sai da casa dos pais e vai morar com a esposa na casa ou perto da sogra.

Outra característica marcante desses povos são os traços físicos e culturais. Habitualmente, crianças, homens, mulheres e idosos fazem um corte circular no cabelo, retiram sobrancelhas e se destacam na preservação de sua cultura e pinturas corporais cotidianas.

CURIOSIDADE

Esses povos se autodefinem como Memortumré, que significa povo primitivo, Também são conhecidos como grupo Canela-Ramkokramekrá, mas, atualmente se autodenominam com o nome português Canela. O nome teve origem a partir de uma comparação realizada com a forma física dos índios Tenetehara-Guajajara, que habitam próximo da região da cidade de Barra do Corda. Naquele período, as autoridades locais, podem ter observado diferenças entre as pernas mais curtas e grossas dos Guajajara com as pernas mais longas dos Canela, dando origem à nomenclatura. Já a denominação atual Ramkokamekrá quer dizer "índios do arvoredo de almécega".

PIZZA A MODA MEMORTUNRÉ

Imagem 04: Preparo do Berubu

Foto: Amarildo Kanela (2017)

Preparo da comida BERUBU, prato típico feito em ocasiões de festas e preparado pelas mulheres. As mães preparam o Berubu para seus filhos homens e oferecem para os demais membros da comunidade, por exemplo, em final de resguardo (período pós-parto).

Esssa pizza nada comum, é feita com carne bovina ou carne de caça e preparada com mandioca. Após a mistura, é embrulhada em folhas de bananeira e é assada em cima de pedras aquecidas com brasas de lenhas.

Imagem 05: Preparo do Berubu

Foto: João Kanela (2017)

PRATICANDO

1. Faça uma pesquisa sobre a cultura e arte dos povos Canela. Relacione os principais aspectos de suas origens, destacando as regiões do Brasil onde esses povos estão presentes, o artesanato, músicas, rituais e festas.

2. Reflita sobre a música Curumim Chama Cunhatã Que Eu Vou Contar (Todo Dia Era Dia de Índio) e responda às questões propostas:

Jês, Kariris, Karajás, Tukanos, Caraíbas
Makus, Nambikwaras, Tupis, Bororós
Guaranis, Kaiowa, Ñandeva, YemiKruia
Yanomá, Waurá, Kamayurá, Iawalapiti, Suyá
Txikão, Txu-Karramãe, Xokren, Xikrin, Krahô
Ramkokamenkrá, Suyá

Hey! Hey! Hey!
Hey! Hey! Hey!

Curumim chama cunhatã que eu vou contar
Cunhatã chama curumim que eu vou contar
Curumim, cunhatã
Cunhatã, curumim

Antes que os homens aqui pisassem
Nas ricas e férteis terraes brazilis
Que eram povoadas e amadas por milhões de índios
Reais donos felizes
Da terra do pau-brasil
Pois todo dia, toda hora, era dia de índio
Pois todo dia, toda hora, era dia de índio

Mas agora eles só têm um dia
O dia dezenove de abril
Mas agora eles só têm um dia
O dia dezenove de abril

PRATICANDO

Mas agora eles só têm um dia
O dia dezenove de abril
Mas agora eles só têm um dia
O dia dezenove de abril

Amantes da pureza e da natureza
Eles são de verdade incapazes
De maltratarem as fêmeas
Ou de poluir o rio, o céu e o mar
Protegendo o equilíbrio ecológico
Da terra, fauna e flora
Pois na sua história, o índio
É o exemplo mais puro
Mais perfeito, mais belo
Junto da harmonia da fraternidade
E da alegria

Da alegria de viver
Da alegria de amar
Mas no entanto agora
O seu canto de guerra
É um choro de uma raça inocente
Que já foi muito contente
Pois antigamente

Todo dia, toda hora, era dia de índio
Todo dia, toda hora, era dia de índio

Fonte: LyricFind
Compositores: Jorge Bem Jor

Quais grupos indígenas citados na música você conhece? Qual crítica a música estabelece sobre a representação do índio?

CONEXÕES

O Brô MC`s é o primeiro grupo de rap indígena do Brasil. As músicas que compõem o CD vêm sendo um sucesso pela riqueza cultural de suas letras, batidas e temas abordados, como também pelo valor simbólico cultural de uma junção inusitada do rap com a cultura indígena e do português com o guarani, como nas letras "Terra Vermelha" e "Tupã". O disco traz oito músicas e trabalha com os mais diversos temas, um trabalho que mescla culturas e evidencia todas as potencialidades desses jovens guaranis.O grupo é formado por quatro jovens indígenas da aldeia de Jaguapirú e Bororó, que fica localizada no estado do Mato Grosso do Sul, na cidade de Dourados.

Influenciados por músicas que tocavam no Programa de rádio Ritmos na Batida, voltado para o público do Movimento Hip Hop de Dourados e região, os jovens foram aderindo à cultura Hip Hop, influenciados pelo estilo e demais especificidades do movimento, seja a forma de se vestir, a forma de dançar (breaking), pelo graffite, pela música rap. Para conhecer mais sobre o grupo e ouvir uma das suas músicas acesse os sites indicados na seção FICA A DICA.

Imagem 06: Brô MC's

Disponível em https://www.nexojornal.com.br

FICA A DICA

Conheça mais sobre o grupo de rap indígena O Brô MC`s nos endereços abaixo:

https://www.youtube.com/watch?v=IBafJlZxT6s

Página Oficial do grupo Brô MC'shttps://www.facebook.com/BroMcsRap/

Para conhecer mais sobre a cultura indígena Canela, acesse os sites, livros e documentários a seguir:

- **Sites:**

Museu do Índio https://www.museudoindio.gov.br

FUNAI https://www.funai.gov.br

ISA – Instituto Socioambiental https://www.socioambiental.org./pt-br

- **Livros:**

UBBIALI, Carlo. Os índios do Maranhão ou o Maranhão dos índios. Instituto Ekos, São Luís, 2004.

CANELA, Ricardo Kutokre; BISPO, Arthur Angelo. História do Fogo: uma história do povo Kanela. Gráfica UFG: Goiânia, 2017.

LEITE FILHO, Deusdédit Carneiro et al. Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão: conhecendo, valorizando e preservando o patrimônio cultural Maranhense. São Luís, 2013.

- **Documentários:**

Os Ramkokamekra Kanela: https://www.youtube.com/watch?v=VlSS0Hs0Ih8&t=37s

TV Mirante - ritual da Prisão no Dia das Crianças da Tribo CANELA

https://www.youtube.com/watch?v=LesjqmpIG5U

Os Canela : https://www.youtube.com/watch?v=MHXIABaTlcU&t=466s

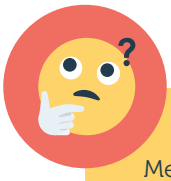
3

PINTURA CORPORAL MEMORTUMRÉ

A pintura corporal representa o pertencimento do indivíduo a determinado grupo. Nesse tipo de arte, os padrões mais utilizados são listras e faixas na cor preta pintados ao redor dos braços e pernas e na face. A pintura indígena é considerada uma das artes mais belas, pois o corpo torna-se o principal suporte. Destaca-se o vermelho do urucum, ou tom escuro do jenipapo, ou traços brancos de tabatinga, cores que ornamentam crianças, jovens e adultos da comunidade.

A professora Josinelma Rolande (2013) descreve que a pintura do povo Canela agrega um simbolismo decorativo e de culto ao corpo através da representação do mundo animal e vegetal. A pesquisadora mencionou que a matéria-prima (tinta vegetal) era proveniente da janaúba, do urucum, e do jenipapo. A pintura é feita mediante o uso de agulhas ou outro objeto com uma ponta em aço, sendo, pois, mais frequente, nas faces das mulheres. A tatuagem Canela é representada por linhas paralelas abaixo dos olhos (In tohhôc).

Para os povos Canela-Ramkokramekrá, a pintura corporal representa uma prática de embelezamento do corpo, um revestimento da pele biológica. Essa segunda pele expressa a forma como os membros estão socializados e o modo que estão integrados à vida comunidade. O sentido do belo não compreende apenas o valor estético que uma pintura representa, mas sim a construção de um corpo forte que conserva a alegrua e está protegido de doenças. As pinturas corporais são chamadas de *in kA* e as roupas utilizadas pelos "brancos" são chamadas de pê kA. Também chamam assim os tecidos que algumas mulheres indígenas utilizam enrolados ao seu corpo. Para os povos Canela, pintar-se significa celebrar a própria beleza e o corpo sadio. Nesse sentido é utilizado o termo *impey* para representar o sentir-se bonito, portanto, a pintura é um meio de expressão da valorização do aspecto físico do corpo indígena.



CURIOSIDADE

Os Principais Festivais realizados pelos povos Memortumré são :

- Festival dos Guerreiros(pep-yê) - ocorre quando os jovens são confinados em suas celas, em suas casas maternas. As celas possuem formatos de colmeia e lembram útero. Os jovens recebem alimentos de seus familiares;
- Festival dos Guerreiros Simulados(Pepkahàk), esse festival ensina diversos papéis sociais que são desenvolvidos na comunidade por meio da dramatização, como, por exemplo, em uma cena do canto-dança, uma jovem é acertada com brasa – tição que é lançado e uma de suas irmãs corre da multidão a fim de jogar água de uma cabaça sobre o ferido, demonstrando assim o papel das irmãs de cuidar dos demais caso se machuquem;
- Festival dos Peixes (Tep-yalkhwa) - nesse festival são nomeados "palhaços" que irão demonstrar para a comunidade o jeito correto de fazer as coisas a partir de dramatizarções opostas, como, dramatizando de forma errada, como por exemplo, cuidar de uma criança, a casa feita de qualquer modo;
- Rituais ketuwajê e Pepjê que ocorrem no período da seca. Nesses rituais, os jovens são reclusos. No ketuwajê, os jovens podem sair para cantar no pátio, mas, no Pepjê, ou festa do preso,não podem sair. A passagem por esses rituais definem os papéis que serão instituídos a cada jovem, como corredor, pajé, cantadores e caçadores.
- Ritos Funerários - nos rituais de morte, o corpo é preparado e ornamentando de acordo com a posição social que o defunto desempenhou ao longo de sua vida terrena. O defunto é lavado, cortam o cabelo, retiram sobrancelhas e o corpo é pintado pelo amigo(a) considerado(a) padrinho ou madrinha do falecido. Ao lado do morto são colocados todos seus pertences. Antes de ser enterrado, o corpo é levado para visitar os parentes como forma de despedida.

As principais cores encontradas nas pinturas corporais dos povos Memortumré são extraídas do jenipapo, do pau de leite, do carvão e do urucum. O jenipapo, fruto do jenipapeiro, cientificamente conhecido como *Genipa Americana*, é derivado do tupi-guarani e significa "fruto que serve para pintar". Para obtenção da coloração preta, inicialmente o jenipapo é ralado, depois mistura-se com água e é levado ao fogo até ferver. A durabilidade da pintura do Jenipapo é de, aproximadamente, duas semanas. A tinta é aplicada no corpo com talas finas de palmeira. Em umas das pontas é envolvida com algodão ou tecido para a realização dos desenhos no corpo.

Imagem 07: Jenipapo

http://ervasmedicinais-rosyluzes.blogspot.com/2009/10/frutas-medicinais-jenipapo.html

O carvão misturado ao pau de leite serve para dar a coloração preta, cumprindo o desejo de fortalecimento dos corpos e também o desenvolvimento saudável do mesmo. Geralmente são utilizadas no dia a dia por crianças e adultos. A utilização da cor vermelha extraída do urucum está associada à vida. Segundo a cultura dos indígenas, quando um corpo está pintado, ele está protegido dos perigos de ataques de espíritos (mê karô). Mesmo após a morte, o espírito da pessoa continua vivo. Dessa forma, é necessário que o corpo seja pintado antes do sepultamento, simbolizando a manutenção viva do mê karô.

Imagem 08: Fruto do Urucum

https://lpslapetitesouriscosmeteuse.wordpress.com/2016/06/07/lurucum-le-secret-des-peaux-rouges/

Na cultura Memortumré são realizadas diversos tipos de pinturas corporais: a pintura do dia a dia serve para proteger crianças de doenças. Ela é feita com o Jenipapo, pode ser realizada em qualquer tempo, destacando-se inclusive se destaca nas pinturas corporais do cotidiano. O urucum é destacado em diversos rituais. Com ele todo o corpo é pintado para estar protegido do espírito mal, das doenças, para ganhar resistências. As pinturas realizadas no rituais ketuwajê, ajudam a passar o período de reclusão e construir um corpo forte. Os jovens que estão presos são pintados de urucum.

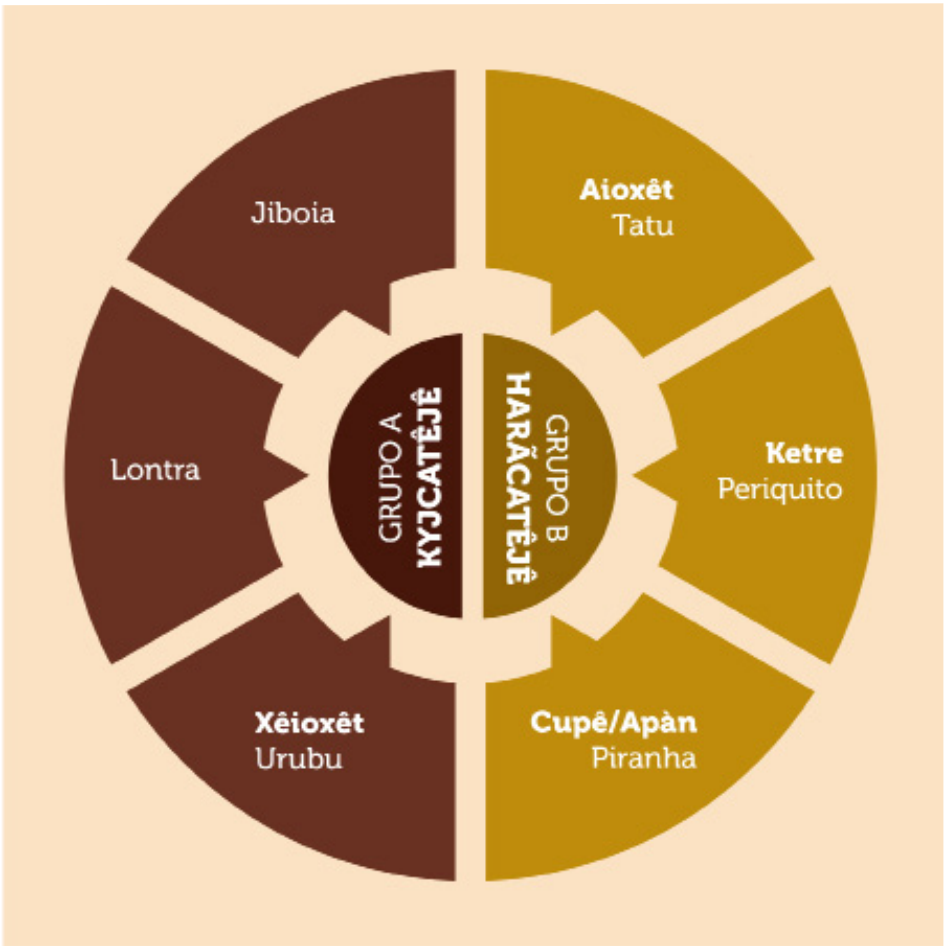
A pintura é de responsabilidade das mulheres da aldeia, que possuem a responsabilidade de pintar os filhos solteiros e o marido. Elas se diferenciam quanto ao seu uso em rituais e festas realizadas nas aldeias, quanto as que são feitas para crianças, jovens, homens e mulheres, quanto à sua forma e função dos papéis sociais desempenhados por cada membro da comunidade. A comunidade se divide em dois grupos A e B, e cada grupo possui subgrupos que representam os animais marinhos, terrestres e do ar.

Imagem 09: Moça Canela Pintada

Foto: Amarildo (2013)

DIVISÃO DA ALDEIA

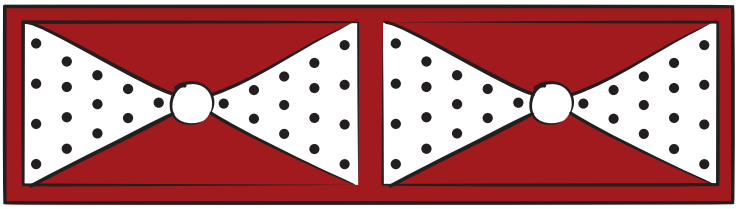
Imagem 10: Representação da divisão da Aldeia



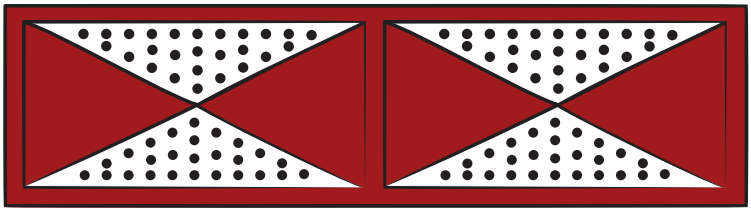
Fonte: Mirian Bogea, 2019

3.1 PINTURAS DO GRUPO A

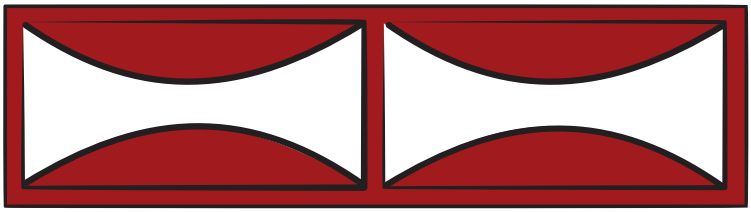
Pintura do Carrapato



Pintura Urubu

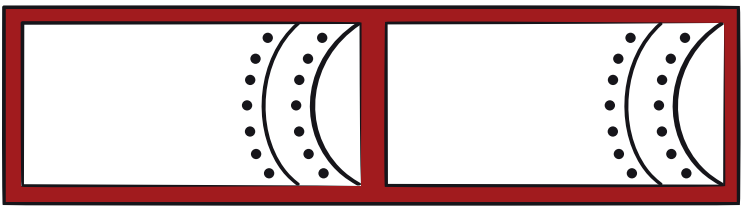


Pintura da Jiboia

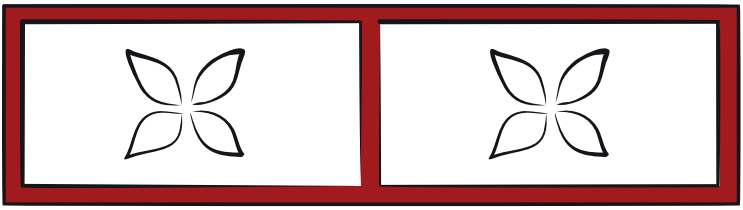


3.2 PINTURAS DO GRUPO B

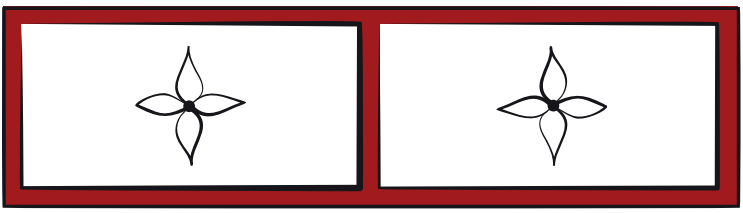
Pintura do Peba



Pintura do Periquito



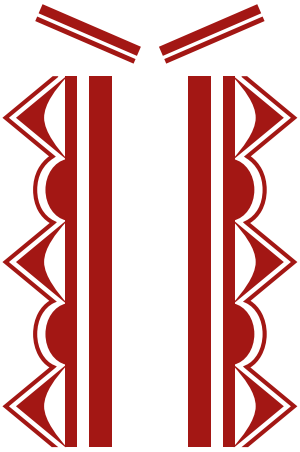
Cupê / Pintura do branco



3.3 AS PINTURAS DIVERSAS UTILIZADAS EM FESTAS E COTIDIANOS

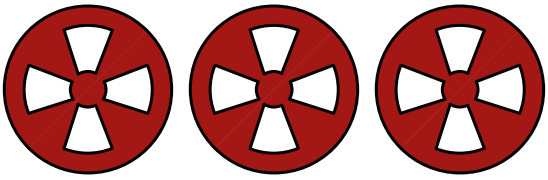
As pintura são utilizadas apenas por pessoas consideradas de alta categoria ou que já têm seu papel definido na comunidade indígena: caçador, maratonista, cantor, pajé e locutor.

Pintura da Jiboia

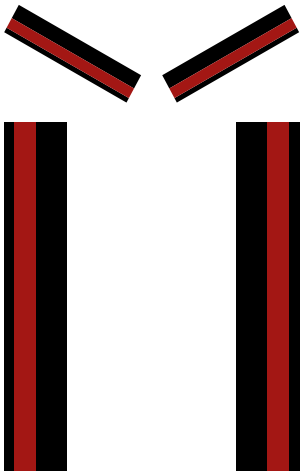


Qualquer pessoa pode receber essa pintura

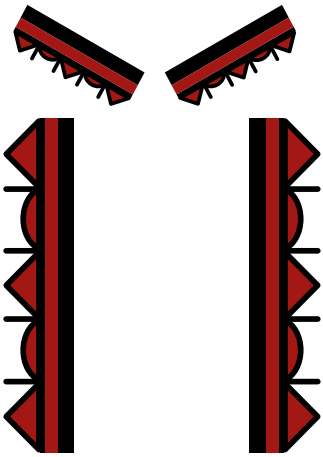
Pintura da casca do coco babaçu



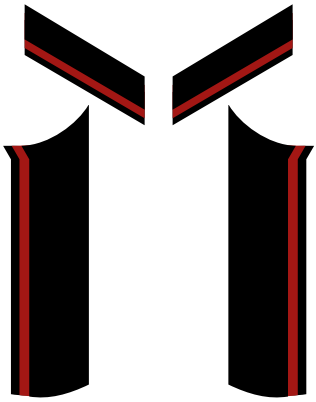
Pintura corporal para adultos
(mulher e homem)



Pintura corporal de jovem
(masculina e feminino)



Pintura utilizada por mulheres
após o parto



Pintura de buriti ou bacaba
(pintura utilizada por homens)

CONHECENDO ALGUMAS PINTURAS

Imagem 11: Pintura da asa do morcego

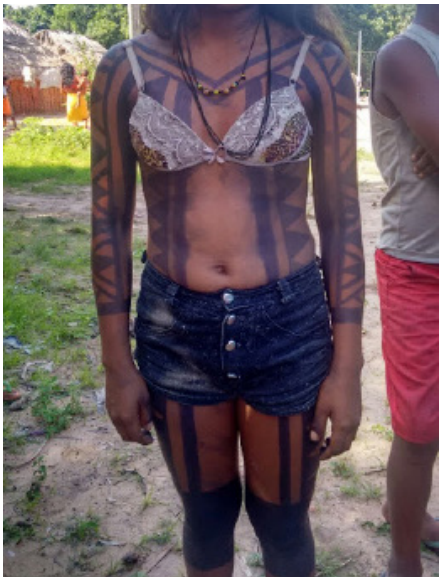


Imagem 12: Pintura do ancião da Comunidade

Imagem 13: Pintura da Onça Pintada

Imagem 14: Pintura de palmeira de Buriti

Imagem 15: Pintura de Peixe

Imagem 16: Pintura de Jacaré

Imagem 17: Pintura de Gavião

Os grafismos apresentados nas pinturas corporais dos Canela apresentam alguns padrões que podem simbolizar elementos de sua cultura e sentidos específicos para o grupo do qual eles fazem parte. As pinturas corporais representam relações com plantas e animais. Os matérias utilizados não servem apenas para embelezamento do corpo, mas para proteção de doenças e fortalecimento do corpo.

CONEXÕES

O corpo como suporte para pintura

Para comunidades tradicionais indígenas e africanas, a pintura corporal é utilizada de forma particular para cada tipo de ritual, além de ter a finalidade de embelezamento. Ela está inserida em vários momentos da história da humanidade, sendo parte integrante da formação cultural de diversos povos.

Algumas comunidades utilizam a pintura em rituais e celebrações. A cultura hindu também utiliza a pintura corporal em casamentos, quando as noivas são pintadas por todo o corpo com desenhos decorativos que representam sorte para a noiva e um rompimento com a antiga vida em família. Para exibir a condição da mulher casada, pinta-se um sinal vermelho no centro das sobrancelhas. Quando uma mulher hindu se casa, ela passa a fazer parte da família de seu marido, e deixa de ser integrante de sua família biológica. As pinturas são como uma representação desse ritual de passagem para ela.

Imagem 18: Pintura corporal hindu

Foto: tahirsphotography / Shutterstock.com

Alguns grupos africanos também utilizam pinturas corporais que retratam motivos da natureza. Essas pinturas são geralmente feitas de materiais extraídos da natureza, como barro, ocre vermelho, rochas vulcânicas, cal branca e pigmentos extraídos da flora local.

Imagem 16: Pintura corporal africana (Omo Valley, Etiópia)

Foto: Oscar Espinosa / Shutterstock.com

A pintura corporal também pode ser representada através da maquiagem e da tatuagem, que tem o objetivo de expressar algo e de ser uma expressão de beleza. A maquiagem é comumente utilizada como um artifício que faz parte do embelezamento do corpo por meio de produtos cosméticos. Ela segue tendências e padrões e pode ser utilizada no teatro e no cinema com finalidades artísticas. A tatuagem, considerada uma forma de decoração corporal gravada na pele, é milenar. Seus primeiros registros remontam 3000 a. C. no Egito e eram utilizadas em rituais religiosos.

A Body Art ou arte do corpo é uma proposta artística contemporânea cuja principal característica é a utilização do corpo como matriz criativa. Essa proposta artística legitimou no cenário artístico europeu e americano a partir da década de 1960.

O corpo humano, nessa proposta artística, passa a ser a referência por se aproximar da *Body paint*, ou pintura corporal. Através do corpo, o artista explora sua obra viva e expressa sentimentos, ideias e emoções.

PRATICANDO

1. Com a ajuda do seu professor reúna-se em grupo e elabore uma intervenção no espaço da escola. Observe os grafismos estudados dos povos Canela Ramkokramekrá e elabore uma composição visual usando os padrões que mais lhe chamaram atenção.

2. Considerando que a pintura Canela tem características de bem-estar, beleza e saúde do corpo físico a partir da construção dos traços e das cores utilizadas como formas simbólicas dos grafismos encontrados na natureza, crie uma composição utilizando grafismos que tenha uma representação simbólica para você (sentimento, objetos, família, protesto, política, educação).

FICA A DICA

Siga as orientações do professor!

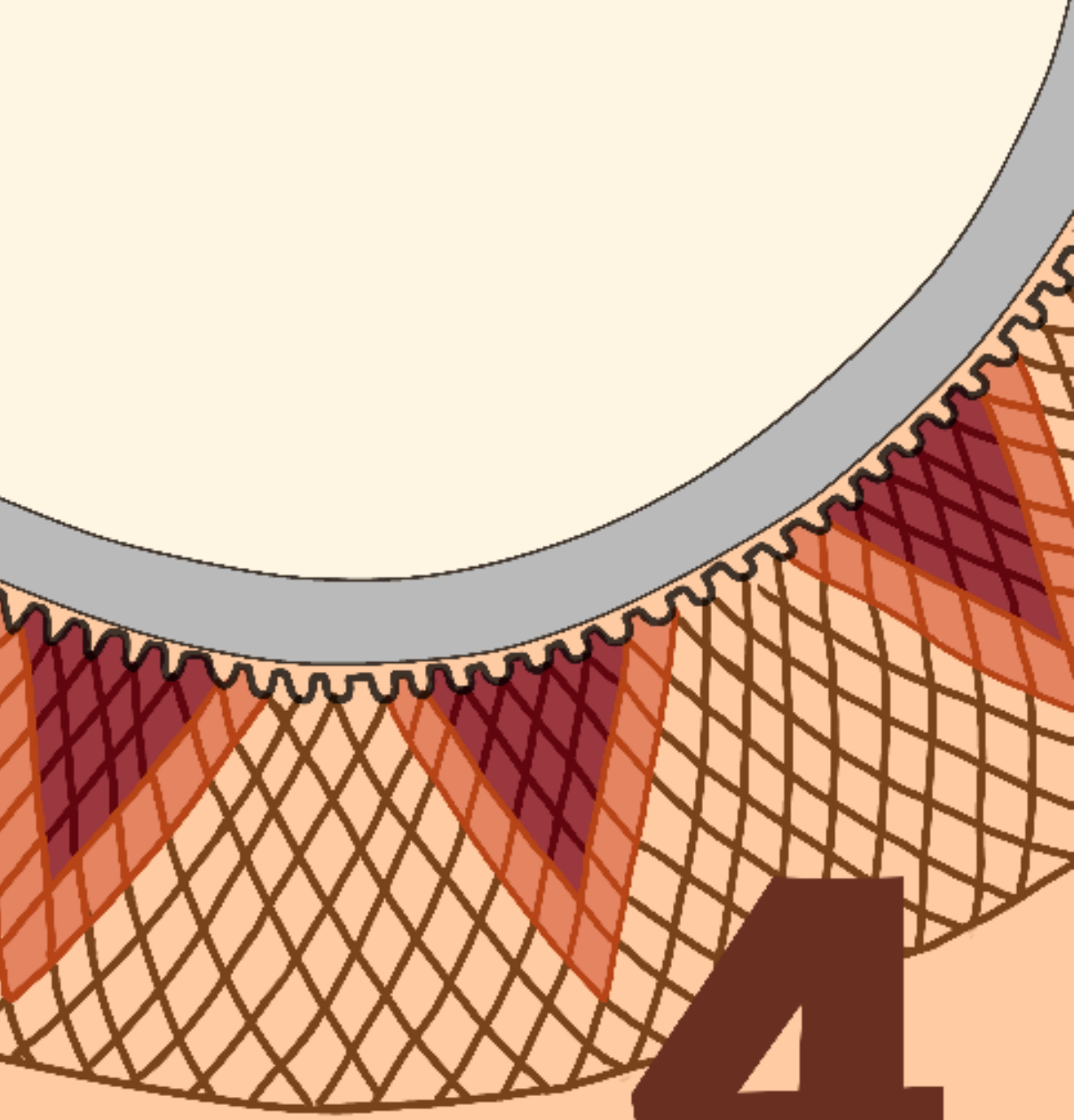
Para a realização da composição o aluno pode utilizar a técnica do Estêncil a partir do tema escolhido nesta aula: **grafismos indígenas.**

Essa técnica pode ser aplicada com diversos tipos de materiais e consiste na utilização de uma base com preenchimento do desenho vazado por onde a tinta estará em contato com a superfície escolhida (telhas usadas, pisos, parede, tecido de roupas, etc...)

Materiais: tinta spray, tinta guache , tinta para parede, estilete, lápis, borracha, folha A4, fita adesiva e jornais. Para a base serão usadas folhas de acetado (raio X) ou folhas de transparência.

Em seguida, os alunos farão o desenho na base para criar os moldes de estêncil e depois recortar o desenho que servirá como molde para aplicação nos suportes escolhidos.

Atenção: O corte do molde deverá ser feito com partes vazadas para fixação no suporte, levando sempre em consideração o contraste positivo-negativo/figura-fundo.



4

ADEREÇOS

Para a cultura indígena, os adornos e adereços contribuem para o embelezamento do corpo e para a identificação e sentido de pertencimento a uma respectiva etnia. Os Canelas têm, por costume, confeccionar diversos artefatos, sendo, em sua maioria, adornos corporais para uso dos homens durante rituais cerimoniais, como pulseiras, colares, cintos.

Para a fabricação destes, são utilizadas miçangas, tiririca, folhas das palmeiras de buriti, anajá, cordas de tucum e algodão. A arte plumária também é empregada nos ornamentos, destacando-se as plumas de gavião, patos, aves nativas, além do uso de ossos de veado, garras e bicos de aves. Assim, utilizam-se as plumas para serem aplicadas nas pernas e decoração de tangas e cocares. Ressalta-se que o adorno de plumas é regalia dos homens, cabendo às mulheres, a aplicação de pequenas penas colocadas no corpo por meio de resina ou leite.

O ritual Ketuwajê, que ocorre no período da seca, faz referência a um ritual de iniciação, onde os jovens da aldeia ficam reclusos e presos em casas, no lado oposto a aldeia, pelo período de quatro meses. O ornamento mais importante desse ritual é a plumagem que acontece no final do ritual. Antigamente, eram usadas as penas de uma espécie de gavião, que pode ser encontrado no verão. Atualmente, devido às grandes queimadas que vêm ocorrendo nas proximidades da terra indígena Canela, estão sendo utilizadas penas de pássaros, e de outras aves, como por exemplo, o pato.

Imagem 17: Corpo sendo preparado para a festa do preso/Ritual de Iniciação

Foto: Edjane (2008)

Gaspar (2011) explica que os indígenas encontram nos três reinos da natureza – vegetal, animal e mineral– materiais para fabricar ornamentos como colares, pulseiras, braçadeiras e brincos. Mesmo sem utensílios apropriados, eles levam anos burilando e perfurando pedras, como o quartzo branco e seixos pequenos; aproveitam dentes, unhas, ossos, bicos e penas de aves; costelas de cobra; conchas de caramujo, asas de besouros; caudas de tatu-canastra; sementes de formas e cores diversas, tipos de taquara e gravetos.

Nos adornos corporais, percebe-se a preocupação com a estética, como também com os elementos que constituem a linguagem visual, onde são externalizados a socialização dos membros e o seu vínculo com a vida comunitária. Os adornos representam eventos, processos, categorias e status que um indígena pode adquirir nos rituais de iniciação.

A arte e as produções materiais indígenas apresentam no seu design e no processo de fabricação uma ligação de um fim utilitário e uma expressão artística.

Segundo o Instituto Socioambiental (ISA), dentre os vários adereços presentes na cultura, os cilindros auriculares (kuj) se destacam. Eles são utilizados pelos homens da aldeia e são tidos como objetos que realçam a audição, representando a obediência. O lóbulo da orelha geralmente é furado na última fase dos rituais de iniciação, geralmente na faixa etária de 10 a 15 anos, quando ainda não tiveram ainda relações sexuais. Atualmente, o uso é comum ao mais velhos, pois poucos jovens utilizam esse adereço.

Imagem 18: Brincos auriculares

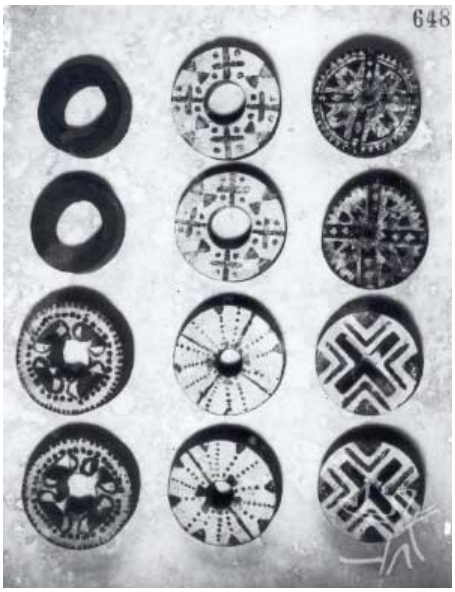


Foto: NImuendaju (1930)

Foto: Mirian Silva (2018)

O cinto é um objeto importante para o povo Memortumré. Ele é utilizado durante as corridas de Tora pelos jovens que se destacam e obtêm melhor desempenho e no final da corrida, durante a cerimônia que ocorre no pátio da aldeia. Segundo os corredores, a sonoridade produzida pelo chacoalhado das peças que estão na parte inferior do cinto instiga-os a carregar toras maiores e chegar ao final da corrida. Antigamente, o cinto era confeccionado de lã e bambu, e hoje são utilizadas miçangas, tiras de buriti. Presos às miçangas são usados unhas do animal veado-campeiro. A conquista do cinto tem grande representatividade para o corredor e para sua família, maneira que este deve sempre utilizá-lo no dia a dia.

Imagem 19: Arte plumária indígena-adornos

Fonte: Coimbra (2017)

Imagem 20: Adornos indígenas

Fonte: Andre Silva (2014)

As mulheres da comunidade utilizam diversos adereços, como pulseiras e colares, os quais possuem valores estéticos e simbólicos. Dentre eles, algumas pulseiras são utilizadas apenas pelas mulheres que se destacam no cântico e que devem sempre portar esse objeto em suas apresentações. Os colares e demais pulseiras são utilizados pelas mulheres mais jovens e servem para embelezar. Esses adereços podem ser confeccionados pelas mães das moças jovens ou por elas mesmas, as quais utilizam formas, linhas e cores diversas que podem retratar a fauna e flora local. Atualmente, eles são produzidos com a utilização de miçangas, que são compradas em armarinhos onde vendem artigos destinados à costura e ao artesanato.

Imagem 21: Arte plumária indígena-adornos

Foto: Amarildo Kanela (2017)

PRATICANDO

No ano de 2004, o IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) proibiu a comercialização de produtos indígenas que utilizavam matérias-primas de animais silvestres. Assim, muitos artefatos foram feitos com outros materiais. A imagem abaixo representa alguns adereços dos povos Canela-Ramkokramekrá, confeccionados com miçangas. Dialogue com sua turma sobre a mudança da matéria-prima do objeto e se altera o valor artístico desse objeto. Em seguida, pesquise outras comunidades indígenas que utilizam materiais reciclados para a confecção de seus artefatos.

Imagem 22: Adereços Indígenas Canela

Foto: Amarildo Kanela (2018)

CONEXÕES COM A ARTE

Grupos secos e molhados

Na década de 1960, surgiu o movimento da contracultura que, sob o lema "paz e amor", defendia ideias como a liberação sexual, nudismo, respeito às minorias, anticonsumismo, valorização da natureza, luta pela paz e outros lemas que questionavam a sociedade da época e os valores moraes estabelecidos. Nesse contexto surgiu a banda Secos & Molhados, formada por João Ricardo, Ney Matogrosso, Gérson Conrad e Marcelo Frias. A banda foi criada em 1970 pelo músico português João Ricardo, mas a entrada de Ney Matogrosso, em 10 de novembro de 1971, foi considerada o nascimento oficial do grupo. O nome da banda foi escolhido quando João Ricardo estava em Ubatuba, São Paulo, e viu a placa de um empório anunciando a venda de produtos secos e molhados. O primeiro disco da banda foi considerado pela revista "Rolling Stone" um dos 100 maiores discos da música brasileira. Marcelo Frias saiu do grupo antes do lançamento do disco por discordar do uso de maquiagem e do figurino estravagante. Ney Matogrosso resolveu se maquiar por ser discreto e por querer se manter incógnito nas apresentações. O visual da banda foi inspirado no teatro kabuki, em Carmem Miranda, no bailarino Rudolf Nureyev e na cultura indígena.

Imagem 23: Grupo Secos e molhados

Fonte: Reprodução/Blah Cultural

PARA SABER MAIS

Para saber mais sobre o grupo Secos & Molhados, acesse o site itaucultural.org.br e conheça a história do grupo e a discografia completa.

Conheça também a história musical dos Secos & Molhados através do fundador e compositor do grupo João Ricardo. Disponível em http://www.youtube.com/user/tvsecosemolhados

5 CESTARIA

A cestaria indígena abrange desde cestos para acondicionar mantimentos até armadilhas de pesca e outros objetos trançados por fibras vegetais, que fazem parte do cotidiano da vida indígena. Os indígenas brasileiros utilizam uma variedade de técnicas de entrelaçamentos representativos da concepção de mundo de cada povo. Dessa maneira, as cestarias indígenas primam pela beleza estética e pela funcionalidade.

Dentre os mais usados, para o uso doméstico, situam-se os cestos-coadores, cuja função é a filtração de líquidos, e os cestos-tamises, apropriados para peneirar a farinha. Além destes, confeccionam-se os cestos-cargueiros, destinados ao transporte de cargas.

Os elementos visuais que compõem a cestaria através da união de pontos, traços, formas e linhas ultrapassam a beleza estética. Elas estão conectadas com as origens, organização e relação da comunidade com a natureza. Além de estabelecer conexões com outros indígenas e os rituais, funciona como um símbolo de comunicação entre o grupo demarcando seu lugar no mundo e na sociedade a qual pertence.

O artesanato produzido pelos Canela chamado na língua Jê de *Urur Kaj*, é considerado um patrimônio que deve ser preservado. As cestarias produzidas pelos Canela Ramkokramekrá são confeccionadas principalmente pelas mulheres da aldeia, cabendo ao homem adquirir e processar o material obtido a partir das palmeiras de buriti. Denota-se assim a forma de organização social desse povo.

Imagem 24: Cestos Indígenas

Fonte: Amarido Kanela (2018)

Imagem 25: Cesto e bolsa artesanal

Fonte: Autora (2018)

As principais matérias-primas empregadas na confecção desses cestos são a tala do buriti; palmeira alta, de grande porte, do gênero Mauritia flexuosa, com drupas em tons avermelhados, e polpa amarelada muito apreciada por seu sabor doce, utilizada para confecção de tapiti, item que compõem o processamento artesanal da mandioca pelos indígenas; moco, chamado de hamkjenxá; e o kajre, que são cestos pequenos que as rainhas dos grupos recebem de presente.

Imagem 26: Cesto Indígena

Foto: Amarildo Kanela (2017)

Os conhecimentos de artesanato são passados de geração em geração e possuem uma infinidade de padrões e noções matemáticas, tais como: paralelismo, perpendicularismo, linearidade, noções de distância, ângulos, tamanhos, estimativas, formas geométricas e etc.

Os grafismos empregados nesse tipo de técnica artesanal remetem à ancestralidade, ao misticismo e aos valores de determinado grupo indígena. O emprego do grafismo na cestaria é, intrinsecamente, relacionado à união natureza e sagrado. Muitos padrões correspondem simbolicamente aos animais, como cobra, padrão borboleta, padrão asa de mariposa, dentre outros.

CONEXÕES

Arte e Abstração

Um padrão é a repetição constante de um mesmo conjunto de elementos visuais. A arte pode também apresentar formas abstratas, ocasião em que os elementos visuais são apresentados sem representar nenhuma figura reconhecível. São compostas, geralmente, de elementos como linha, formas geométricas, cores e textura. Até o século XIX, os gregos utilizavam as formas abstratas na decoração de vasos, estampas de tecidos e nos interiores das casas.

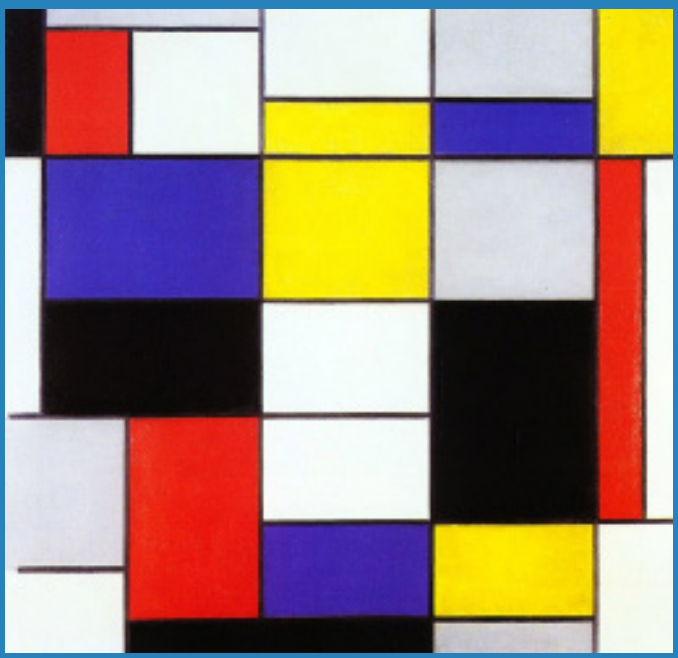
Conforme Meira (2009) no século XX, com o Modernismo, os artistas passaram a explorar trabalhos abstratos. Dessa forma, as obras eram feitas com base em algum princípio geométrico e com gestos livres. O pintor Russo Wassily Kandinsky (1866-1916) é considerado por muitos historiadores como o iniciador da pintura abstrata. O Abstracionismo dominou a pintura moderna e também foi representada pelo pintor holandês Piet Mondrian (1872-1944). O abstracionismo se diversificou em duas tendências:Abstracionismo Informal, que expressa os sentimentos e as ideias do artista, e este, com total liberdade e expressão, utiliza cores e formas de maneira espontânea; e o Abstracionismo Geométrico, onde as formas e as cores são organizadas e a base da composição são linhas e figuras geométricas.

Imagem 27: Amarelo, Vermelho e Azul de Wassily Kandinsky

Fonte: https://arteeartistas.com.br/amarelo-vermelho-azul-wassily-kandinsky/ acessado em 16 Nov. 2019

CONEXÕES

Imagem 28: Composição em Amarelo, Vermelho, Azul e Branco de Piet Mondrian



Fonte: https://www.wikiart.org/pt/piet-mondrian acessado em 16 Nov. 2019

PRATICANDO

1. O instituto PIPA, criado no ano de 2010 foi criado para documentar e promover a Arte Contemporânea Brasileira. Uma iniciativa do instituto é o Prêmio PIPA, que constitui um prêmio brasileiro de arte contemporânea organizado anualmente, com indicações de diversos artistas, e se constitui também uma plataforma de pesquisas que apresenta programações diárias de eventos culturais, obras, biografias dos artistas, vídeos, entrevistas, textos críticos. No ano de 2019, o artista indígena Denilson Baniwa, pertencente à aldeia Darí no Amazonas, venceu o Prêmio PIPA Online, trazendo em suas obras reflexões sobre o mundo considerado indígena e não indígena e de que forma ambos se relacionam e se complementam.

Observe a obra "Curumim", guardador de memórias, do artista Denilson Baniwa, e destaque em seu caderno quais elementos você identifica como pertencente à cultura indígena e quais estão sendo incluídos na cultura indígena. Estabeleça a relação entre os objetos encontrados na obra e destaque a sua finalidade e importância para esses povos.

PRATICANDO

Imagem 29: "Curumim", guardador de memórias, 2018, acrílica sobre tecido, 1,60 x 2 m

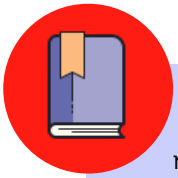
Foto: Disponível em https://www.premiopipa.com/denilson-baniwa/

2. Comumente, é possível encontrar diversas cores e formas em estampas de tecidos que se associam às formas abstratas. Escolha um tecido ou roupa que possui figuras, ilustrações e imagens abstratas, ou fotografias de texturas de roupas que representem formas abstratas.

PARA SABER MAIS

Visite o site www.premiopipa.com e aprecie diversos artistas contemporâneos nos mais diversos catálogos disponíveis para pesquisa.

Conheça um pouco mais do trançado e cestaria no endereço: https://www.youtube.com/watch?v=X0JcODev51s



ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Caros professores, este material intitulado Arte Memortumré é fruto da minha pesquisa de mestrado e traz uma proposta didática sobre a temática indígena em sala de aula, considerando as produções materiais dos povos Canela-Ramkokramekrá. Por meio do estudo que envolve a história, a cultura e a arte produzida por esses povos, foram estabelecidas conexões com conteúdo de variadas produções, linguagens e movimentos artísticos, e que envolvem a temática indígena. Este material serve de referência para que professores (as) desenvolvam suas práticas pedagógicas em sala de aula e estabeleçam um diálogo com as questões contemporâneas por meio da arte indígena.

Atendendo às determinações encontradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, sobretudo no que diz respeito "ao modo de vida de diferentes grupos, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles, continuidades e descontinuidades, conflitos e contradições sociais" (BRASIL, 1998, p. 43), a temática do material busca articular os avanços do debate pedagógico em torno da efetivação de dispositivos educacionais que garantam o respeito e a valorização das culturas indígenas no Brasil. Um desses dispositivos é a Lei nº11645/2008, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígenas na disciplina Arte, História e Literatura, priorizando o contexto de uma educação estética intercultural.

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC),o Ensino Médio é organizado por áreas. Segundo o Parecer CNE/CP nº 11/200925, essa organização "não exclui necessariamente as disciplinas, mas sim, implica o fortalecimento das relações entre elas e a sua contextualização para apreensão e intervenção na realidade, requerendo trabalho conjugado e cooperativo dos seus professores no planeja-

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

mento e na execução dos planos de ensino".

Inserir o estudo da cultura indígena nas escolas é oportunizar que os estudantes conheçam a história de seu país, suas tradições e costumes, em especial através da cultura de um povo que possui uma vasta variedade de padrões estéticos de Arte.

O componente curricular Arte faz parte da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e, conforme a BNCC (p. 474, 2017), "O trabalho com a Arte no Ensino Médio deve promover o cruzamento de culturas e saberes, possibilitando aos estudantes o acesso e a interação com as distintas manifestações culturais populares presentes na sua comunidade".

Dessa forma, a proposta foi organizada a partir de uma perspectiva integrada e interdisciplinar, priorizando uma abordagem no ensino de Artes Visuais que contemple a cultura indígena na perspectiva do reconhecimento da pluralidade da formação cultural brasileira e da luta e resistência desses povos. Assim, os conteúdos abordados trazem uma discussão inicial sobre a formação do povo brasileiro, informações gerais sobre as terras indígenas e diversidade dos povos indígenas que habitam o Brasil e o estado do Maranhão. Os dados foram coletados por meio de pesquisas nos sites da Funai, IBGE e Instituto Socioambiental.

Para melhor compreensão da arte indígena e da produção material dos povos Canela-Ramkokramekrá, inicialmente foi desenvolvida nesta pesquisa de mestrado a sequência didático-pedagógica apresentada abaixo. O foco é apresentar a temática indígena e vivenciar o conhecimento prévio dos alunos sob os aspectos histórico, geográfico e cultural, bem como trabalhar os conteúdos organizados neste produto:

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Conteúdo trabalhado	Objetivos	Textos, livros, sites e documentários sobre o conteúdo
Diálogo inicial sobre a temática indígena com os alunos	Identificar o conhecimento dos alunos sobre os povos indígenas do Brasil e Maranhão	Documentário - Índios e Portugueses - Encontro & Desencontros Link: https://www.youtube.com/watch?v=hzGAcqGiV0g&t=20s Indígenas somos Nós (2016) Link: https://www.youtube.com/watch?v=ZecRLbA7H3w Livro: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Orgs.). A Temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1° e 2° grau. Brasília, DF: MEC/MARI/UNESCO,1995.
Conceitos e nomenclaturas indígenas	Analisar as principais nomenclaturas e usar as palavras corretas em relaçãoos indígenas	Livro: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade: povos indígenas: orientações pedagógicas. São Paulo, SP: SME/COPED, 2019

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Conteúdo trabalhado	objetivos	Textos, livros, sites e documentários sobre o conteúdo
Terras e populações indígenas do Brasil (etnias e localização)	Pesquisar e identificar os principais grupos étnicos pertencentes ao Brasil e onde estão localizados	Sites - Museu do índio https://www.museudoindio.gov.br - FUNAI https://www.funai.gov.br http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoes/demarcacao-de-terras-indigenas?start=1#. - ISA: Instituto Socioambiental https://www.socioambiental.org./pt-br
Povos indígenas do Maranhão	Reconhecer e valorizar as populações indígenas do Maranhão	Livro: RABELO, Diego Fernando Silva. Repertório Pedagógico sobre a temática indígena. São Luís: UEMA, 2019. Sites https://www.museudoindio.gov.br - FUNAI https://www.funai.gov.br

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Conteúdo trabalhado	Objetivos	Textos, livros, sites, e documentários sobre o conteúdo
Povos Canela-Ramkkramekrá	Conhecer os Povos Canela-Ramkokramekrá	Documentário - RamkokramekráKanela Link: https://www.youtube.com/watch?v=VlSS0Hs0Ih8&t=37s - Os Canela Link: https://www.youtube.com/watch?v=MHXIABaTlcU&t=283s Sites ISA – Instituto Socioambiental https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Ramkokame-kr%C3%A1 Livro: ROLANDE, Josinelma Ferreira. Moços feitos, moços bonitos: a ornamentação na prática Canela de construir corpos. São Leopoldo, RS: Oikos, 2017.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mônica Ribeiro de Moraes. **A construção do ser Canela: dinâmicas educacionais na aldeia Escalvado**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2003.

BRASIL. Fundação Nacional do Indío. **Terras indígenas:** o que é? Disponível em: l em: http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoes/demarcacao-de-terras-indigenas? start=1#. Acesso em 22 jun. 2019.

CARLSSON, Benke. **Street Art:** Técnicas e materiais para arte urbana**.** São Paulo: Editora GG, 2014.

CROCKER, William H.; CROCKER, Jean G. **Os Canelas:** parentesco, ritual e sexo em uma tribo da chapada maranhense. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.

MEIRA, Beá. **Projeto Radix:** Arte, 8º ano. São Paulo: Scipione, 2009.

OCVIRK, Otto G. **Fundamentos de arte:** teoria e prática. Porto Alegre: AMGH, 2014.

POUGY, Eliana. **Todas as artes:** arte para o ensino médio. São Paulo: Ática, 2016.

POVOS INDIGENAS DO BRASIL. **Canela Apanyekrá.** 2012. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Apanyekr%C3%A1. Acesso em 04 maio 2019.

PROENÇA, Maria das Graças Vieira. **História da Arte.** 4ª ed. São Paulo: Ática, Brasil, 2011.

RABELO, Diego Fernando Silva. **Repertório Pedagógico sobre a temática indígena.** São Luís, 2019.

RIBEIRO, Berta G. **Arte Indígena, linguagem visual**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2000. Coleção Reconquista do Brasil, v.9.

_____. **Arte do trançado dos índios do Brasil:** um estudo taxonômico. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1985.

ROLANDE, Josinelma Ferreira. **Moços feitos, moços bonitos:** a ornamentação na prática Canela de construir corpos. São Leopoldo: Oikos, 2017.

SECOS & Molhados. **In:** ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra67413/secos-molhados>. Acesso em: 12 Jul. 2020. Verbete da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7

Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade :** povos indígenas : orientações pedagógicas. – São Paulo : SME / COPED, 2019

SEVERI, Carlo & LAGROU, Els. **Quimeras em diálogo grafismo e figuração nas artes indígenas.** Rio de Janeiro:Letras, 2013.

SHLICHTA, Consuelo. **Arte e Educação:** há um lugar para a Arte no Ensino Médio. Curitiba: Aymará, 2009.

STRICKLAND, Carol. **Arte Comentada:** da Pré-história ao Pós-moderno. 13ª ed. Tradução:Ângela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.